

Ética
bixa

Ética bixa

Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ

Paco Vidarte

n-1 edições © 2019

ISBN 978-856-694-380-1

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart

e Ricardo Muniz Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

TRADUÇÃO Pablo Cardellino Soto e

Maria Selenir Nunes dos Santos

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

PREPARAÇÃO Graziela Marcolin

REVISÃO Pedro Taam

IMAGEM/CAPA Regina Gomes Fernandes

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

1ª edição | Impresso em São Paulo | Abril, 2019

Paco Vidarte

Ética bixa

Proclamações libertárias para
uma militância LGBTQ

Tradução Pablo Cardellino Soto e
Maria Selenir Nunes dos Santos

N-1
edições

Para os meus mais do que amigos Luis Aragón, Javier Sáez David Córdoba, Jordi Llordella, José Luis Muñoz, mais uma vez para Manuel Andreu e para Sergio P. Sanjuán, para meus irmãos Titi e Babe, para Beatriz e Agustín de Sevilla e para todo mundo que, em vez de me mandar para o desmanche quando me conheceu, preferiu me fazer um tuning, me dar uma turbinada, porque acreditou que dava para recuperar alguma coisa de mim, apesar da minha condição de perda total de nascença. Embora eu nunca vá passar na fiscalização, obrigado por todo o tempo que vocês estão gastando num tuning sem fim.

09	Introdução
19	1. A necessidade de uma ética bixa
41	2. O que é ser bixa? Um pouco sobre como eu vejo as coisas
61	3. A bixa como sujeito político
71	4. Por uma militância cachorro louco
87	5. Agir sem pensar
109	6. Como frangos sem cabeça
127	7. Acabou a fala mansa
151	8. Solidariedade LGBTQ
179	Sobre o autor

Introdução

The background of the page is a complex marbled paper pattern. It features a dense, swirling design of dark, muted colors, including shades of charcoal, slate, and deep forest green. Interspersed within these darker tones are lighter, almost white or light grey, veins and spots that create a sense of movement and depth. The overall effect is reminiscent of traditional hand-marbled paper used in bookbinding.

— O imbecil não conhece o segredo do Grande Tirano: a arma suprema. Vou soltar o Mathmos pela cidade toda!
— Você acha prudente?

DO FILME BARBARELLA

Isto não é um livro. É um interruptor. Um dispositivo que desliga a corrente. E que, por sua vez, permite que algo comece a andar, que algo se acenda. Eu gostaria que a leitura deste livro provocasse um “clique”, uma faísca que interrompesse uma sequência de merda, uma queda de tensão no movimento LGBTQ que deve terminar o quanto antes. E que incendiasse uma outra forma de fazer as coisas e da gente se comportar como bixas, lésbicas e trans frente à sociedade e às próprias tendências involucionistas que se instalaram entre nós. Se isso não acontecer, este livro não terá funcionado. É necessário encontrar outro interruptor que funcione e que atinja sua finalidade corretamente, despertando novas sensibilidades e atitudes, outras formas de fazer política e da gente se comprometer solidariamente na luta contra a homofobia e os homofóbicos.

Escrevo em primeira pessoa, a partir de uma situação subjetiva e de discurso bastante problemática, múltipla, contraditória, singular, sem me fazer porta-voz de ninguém. Como bixa é muito difícil, para mim, falar em nome de outras bixas, muito mais ainda em nome das lésbicas e das transexuais, porque estou convencido de que não se pode colocar todos esses grupos no mesmo saco, já que nossas situações de opressão e discriminação social são muito diferentes. Até o último momento cogitei batizar este livro como *Ética LGBTQ*, mas finalmente respeitei meu impulso inicial de escrever uma *Ética bixa*,

deixando o LGBTQ no subtítulo. Retomo assim algumas notas minhas que estavam esquecidas no disco duro do computador há mais de dez anos, quando as abandonei para embarcar no projeto de *Homografias*.

Quero, desde o início, deixar claro que não pretendo usurpar a voz de ninguém em nome de uma ética de corte universalista, nem anular as características diferenciais da dominação e as ofensas que cada um suporta e que o levam a agir como melhor lhe pareça em uma circunstância de opressão hierarquizada na qual é muito mais punk ser trans do que ser bixa, e inclusive continua sendo muito mais punk ser lésbica do que ser bixa. Às vezes, quando falo de bixissapas, bixitrans, trans-homofobia, pode parecer que estou cavando um espaço para todas nós, mas de modo que a voz mais audível seja a das bixas e as demais sejam incluídas para alimentar um discurso mais correto, porém sem muita convicção. É precisamente o contrário: creio que todo o discurso teórico sobre o qual me apoio e o pano de fundo revolucionário em que se baseia o movimento LGBTQ advêm quase que exclusivamente das trans e das lésbicas. As bixas contribuimos escassamente com a teoria e com a práxis revolucionária, e, quando o fizemos, foi para marginalizar, excluir e silenciar as lésbicas e trans, nos apossando dos aparatos de poder, dos microfones, megafones, câmeras e de tudo quanto os machos ibéricos, sodomitas incluídos, consideram que continua lhes pertencendo por direito.

Se finalmente me atrevi a ampliar o âmbito do meu discurso para além das bixas, terá sido seguindo as pautas de uma solidariedade LGBTQ com a qual tento acertar as contas no último capítulo e que, naturalmente, necessita ser depurada de qualquer sinal de machismo, heterossexismo, lesbofobia, misoginia ou transfobia que possa continuar abrigando. Valha esta explicação para pedir desculpas de antemão. Não pretendo desculpar-me nem me justificar com ela, e sim aceitar logo de cara as

suscetibilidades que possa causar o fato de eu não me limitar a falar exclusivamente em primeira pessoa, ou como bixa. Não tenho pressa de me converter em um sujeito rizomático, múltiplo, em dizer que eu sou muitas, nem interesse em passar sermões semelhantes que transformam a boa intenção em mais um elemento de repressão.

Escrevi este livro em menos de três semanas. Isto quer dizer que talvez fosse melhor não o ter publicado e pensar as coisas mais um pouco. Mas se ele chegou até você é porque mais alguém além de mim, inclusive a editora e alguns amigos que costumam me aconselhar bem, deve tê-lo achado interessante, divertido, oportuno ou que vale a pena, por algum motivo que não imagino qual seja. Há ocasiões em que acredito que essas linhas são muito individuais, que são apenas uma revolta minha, um desabafo diante do que está caindo, sem o menor interesse teórico, a não ser a necessidade que pode haver no movimento LGBTQ de compartilhar frustrações, raivas, ódios, a necessidade urgente de fazer algo, a sensação de esgotamento de nossos coletivos, dos dirigentes e das teses oficialistas, a certeza de que ficamos muito tempo no fundo do poço e de que as mudanças legais produzidas no nosso país vão sepultar, paralisar a nossa luta ou deixá-la a ver navios, em vez de potencializá-la e reativá-la.

Tenho uma péssima relação com este livro, que é mais um panfleto radical, um fanzine libertário, porque penso que ele é um chique, um piti, a necessidade de vomitar merda diante da constatação da ausência de um projeto esperançoso alheio e próprio. Se o escrevi, foi talvez para pedir ajuda. Não tenho nada para oferecer, não tenho nada a propor, estou vazio. Não vejo ninguém, nenhum grupo dentro do movimento LGBTQ capaz de “nos salvar”, em quem possamos depositar alguma esperança, a quem delegar a gestão e a invenção de um futuro para as bixas. Também não quero dizer que precisemos de

redentores ou de iluminados para dar conta de uma tarefa que só pode ser coletiva. Porém, é certo que a suposta *intelligentsia* bixa não tem nada a nos ensinar, e muito menos é capaz de guiar alguém. Que ninguém leia estas páginas buscando um manual de instruções, um roteiro. Sou incapaz. Apenas gostaria que servisse para mobilizar as pessoas, movê-las do sofá, fazê-las mudar de postura, ainda que seja cruzar as pernas, tossir, afundar as almofadas, algo, um movimento mínimo capaz de nos tirar da inércia ou nos tornar conscientes dela.

Não quis fazer um tratado complicado, pesado, ilegível, acadêmico. Não quis fazer teoria *queer* para especialistas. Nem escrever um calhamaço sisudo que caísse das mãos dos leitores e que depois não valesse para nada. Para uma lambeção de cu entre sabichonas, dito com escracho. Este livro é muito bruto, não poli muito a minha linguagem, falo livre, leve e solta, digo o que me dá na telha, o que me ocorre, não paro para corrigir nada, nem apago, não me releio. Já vou me arrepender. Pulei as citações, as notas de rodapé e também as referências bibliográficas. Queria contar como me sinto, como nos sentimos várias de nós, e dizer isso do modo como eu falo normalmente, como falo com quem me conhece, para ser compreendido, para poder me expressar. Teoria *queer*? Jesuiz! Isso não coloca ninguém de acordo, já deixou de me satisfazer politicamente, se converteu em bico universitário para quem precisa se virar de algum jeito. Não duvido da sua eficácia até certo ponto e tudo bem que se faça, mas já está tão distante das pessoas que eu acho muito chato – isso pra não falar da indignação que sinto ao ver que se converteu em um curral de quatro elitistas que vendem receitas de liberdade por preços muito pouco acessíveis. Ou da reapropriação espúria do termo por parte dos sodomitas de direita. Minha intenção era chamar idiotices nonsense de babaquices, que todos compreendam, que despertem desprezo ou solidariedade, identificação ou vômito. E também sem argumentar

muito, adequadas para todos os públicos, sem maquiagens de sabedorias importadas, recuperando o bom senso do povo da rua, meu bom senso quando não tento ser brilhante ou começo a fazer papel de idiota ou a falar para me fazer de sabichão.

Fiz um livro para compartilhar, também para me sentir amparado, às vezes me sinto muito só, e muitos como eu se sentem igualmente perdidos no meio de um deserto político rosa. Seria surpreendente se quem lesse isto sorrisse, risse muito, gargalhasse, se fizesse muito bem para a sua saúde ver em meus lábios seus próprios insultos, sua raiva, sua indignação, seu mal-estar, sua vontade de dar porrada em alguns, de queimar com o olhar enquanto lemos um monte de lixo fascista sem acreditar que seja possível dizer essas insanidades revisionistas e ficar tão à vontade. Sei que as vezes isto vai parecer muito com um puto panfleto borroka,¹ que retomará discursos radicais, de fanzine, inclusive demagógicos, diretos, cheios de raiva, desilusão, nojo. O bom é que ninguém vai se estrepar lendo, por não me entender. O mais provável é que se canse, que ache uma merda, sem nenhum nível, escasso de ideias, vazio, absurdo, propostas pessoais que não interessam a ninguém, que ninguém compartilha. Não sei. O que sei, isso sim, é que escrevi um livro para fazer amigos e para cagar na cabeça dos meus inimigos, porque faz tempo que tenho vontade disso. Chocar toda essa gentinha conservadora e fascista que não suporto, dentro e fora do movimento gay, chamá-los de babacas na cara dura, filhos de uma égua, sodomitas neoconservadores, cachorrinhos de colo, traidores, capitães do mato,² quinta-colunistas de merda.

1 Movimento radical basco. [N.T.]

2 No original, *kapos*: prisioneiros judeus que, durante a Segunda Guerra Mundial, tinham alguns privilégios em troca de colaborar com a SS em pequenas funções administrativas e de vigilância dos outros presos. [N.T.]

A verdade é que não sei exatamente a quem pode se dirigir este livro. Se você é de direita, se pensa que não vou com a tua cara, que te odeio, que você me dá nojo, ânsia de vômito, que é a típica bixa fascista, da direita de sempre, e até se a gente já se desentendeu, se mandei você à merda pessoalmente, se você quer me ver morta tanto quanto eu quero ver você e a sua família inteira, e ainda assim você está me lendo, deve ser porque está tentando roubar alguma ideia minha para direitizá-la, me atacar, roubar meus perfumes porque o seu nariz nasceu atrofiado, publicar outro dos seus livros de merda, outro número de uma revista de merda valendo-se dos escritos de outros que, eles sim, inovam e têm ideias. Raspa o cu fora. Vai se foder. Leia-me se quiser, é o melhor que você faz da sua vida além de morrer.

As pessoas em que pensava enquanto escrevia eram: eu mesmo, para tirar a minha raiva, a indignação, me obrigar a fazer algo, a reagir diante da enxurrada fascistoide e clerical, tirar a minha culpa por me indignar e ser o primeiro a não fazer nada, botar para fora essa merda toda, cuspir lixo contra as bixas que se aproximaram do poder, vendidas aos políticos, contra os putos alpinistas que fizeram carreira à custa dos gays e das lésbicas. Escrevo para as pessoas próximas, que andam como eu, e pensei que elas também se identificariam, se encheriam de esperança com este projeto de uma enorme escaradeira a ser preenchida de gentalha indesejável para cuspirmos em todos juntos – já é alguma coisa para começar.

Escrevo também para as pessoas não tão próximas, mas envolvidas nos mesmos conflitos toda a vida, que fazem coisas, ações individuais, que têm que rebolar, que arriscam, que lutam no seu círculo, trabalho, editora, livraria, em casa, na universidade, nos colégios e institutos, no teatro, na música, nas revistas, antigos amigos, companheiros, ex-radicais, soropositivos, sumidos da cena pública, ativistas contra a aids, velhas e novas

glórias que me fazem não desanimar e continuar confiando, alunos de filosofia, alunos novos, mestrandos, doutorandos, gente que está até o pescoço no movimento e gente desmobilizada, que jogou a toalha, cansada, mas com as quais não se perde a sintonia...

Bem no fundo, aqui com meus botões, escrevo para muita gente, nova e velha; os leitores antigos que ficaram muito satisfeitos com *Homografias*, *Extravíos* e que tornaram possível a segunda edição de *Teoria queer*, um bom livro que eu acho intragável e que engasga, mereciam algo mais ameno; gente de outros países, amigos argentinos e brasileiros, héteros gloriosos, maravilhosos, esquerdosos, okupas,³ gente alternativa, gente rara de qualquer extração, pessoas que não conheço, mas com as quais estou de acordo logo de cara, sem falar.

Acredito que já deve ter uma galera diversa nessa porra de país que vai ler com prazer a minha revolta, minhas ilusões, minha tentativa de fazer algo, a minha apoltronada chamada para a ação, para a crítica, o inconformismo, para ressuscitar antigas palavras de ordem, acabar com a fala mansa, aumentar o acirramento do lado de cá – tudo está acirrado menos o mundo gay, não é legal? –, mentir, incomodar, xingar, desestabilizar, desmascarar, insultar, arrastar pela lama quem sabemos que veste a carapuça, eu odeio ser arrastado pela lama, lama é barro e eu sou de barro, tenho os pés de barro, a xana de barro. A todos que estiverem a fim de gritar, desabafar, atacar, formar uma frente bixa, qualquer coisa que incomode, incomodar, sair da apatia, ser responsáveis. Creio que esta comunidade de afinidades existe, e não é necessário que todos sejam bixas, lésbicas ou trans. O resto é o resto. E tomara que em um futuro próximo sua vida se torne mais insuportável, que existam pessoas para arruinar seus atos, a presença do público,

3 Movimento de pessoas sem-teto que ocupam prédios vazios. [N.T.]

as negociações, suas tramoias de merda de direita, suas mamatas, seus sorrisos de conveniência, suas visitas institucionais, seus privilégios de classe. Não se trata de criar um comando, um levante gay; trata-se, isso sim, de criar um mal-estar, de tornar inaceitáveis certas pessoas, práticas, hipocrisias, condutas, dignidades falsas. E isso de maneira generalizada, até quase dar medo de fazer cagadas em público por dizer fascistadas se fazendo passar por bixa, ou por simpatizante das bixas ou por colaborador nojento de homofóbicos envergonhados de sorriso falso enquanto nos odeiam e prejudicam. Nenhuma agressão sem resposta, nada de jogar confete em ninguém, vamos foder com a vida dos fascistas e homofóbicos.

Vamos soltar o Mathmos! Pois estamos enviadandooooo!